ARTES VISUAIS NO CONTEXTO DOS COMPONENTES CURRICULARES

ANDREIA FERNANDES RIBEIRO DO NASCIMENTO

RESUMO

O objetivo do trabalho foi diagnosticar a importância das Artes Visuais no contexto de todos os componentes curriculares, para a formação de um ser humano sensível, com senso estético e crítico. Teve como principais objetivos proporcionar mais interesse no ensino das Artes Visuais; despertar a interação da arte com as outras disciplinas e conhecer a importância da arte nos movimentos sociais. Estudar arte e fazer sua correlação com outras disciplinas é possível e ao mesmo tempo difícil pela dificuldade que a grande maioria dos professores tem em trabalhar interagindo suas disciplinas e suas experiências com os colegas e principalmente com os alunos.

Palavras-chaves: Artes Visuais. Currículo. Ensino.

INTRODUÇÃO

Muito se fala de interdisciplinaridade, mas na prática pouco acontece. Muitos professores não gostam que haja intervenções de outras disciplinas à sua. Outros não gostam de trabalhar em grupo e, para a escola trabalhar de forma interdisciplinar, na maioria das vezes, é feito um projeto. Todos querem trabalhar como pequenas gavetas que são abertas uma de cada vez. Falta aos professores conhecimento sobre interdisciplinaridade e multidisciplinaridade. No que se refere ao ensino da arte, esse processo torna-se mais difícil e desgastante. O Brasil não é um país que valoriza a cultura de forma geral, nem mesmo a sua própria cultura.

O objetivo geral da pesquisa foi diagnosticar a importância das Artes Visuais no contexto de todos os componentes curriculares, para a formação de um ser humano sensível, com senso estético e crítico. E como objetivos específicos: Proporcionar mais interesse no ensino das Artes Visuais; Despertar a interação da arte com as outras disciplinas e conhecer a importância da arte nos movimentos sociais.

A justificativa para a pesquisa foi estudar arte e fazer sua correlação com outras disciplinas é possível e ao mesmo tempo difícil pela dificuldade que a grande maioria dos professores tem em trabalhar interagindo suas disciplinas e suas experiências com os colegas e principalmente com os alunos.

Em todo o mundo, assim como no Brasil, um país colonizado, a arte é considerada um exercício praticado pelas elites, assim como só faz arte quem tem o dom, mas deixa-se de lado o fato de que o "dom" é uma habilidade que pode ser trabalhada com o aluno, em forma de criatividade, que pode ser desenvolvida. Na verdade, o que existe é uma falta de informação de como trabalhar arte interagindo com todas as disciplinas.

O método utilizado é o dedutivo, começando com pequenos textos de filosofia e arte, e, nesta última, sempre utilizando textos com imagens. Textos e imagens servirão como amostra da pesquisa para ver qual o interesse dos professores em trabalhar a interdisciplinaridade e ainda, tornar a filosofia uma disciplina acessível a todos.

ARTES VISUAIS E OUTROS COMPONENTES CURRICULARES

Falar de como as artes visuais podem ser inseridas nos componentes curriculares é falar de interdisciplinaridade e esta é uma palavra ou uma metodologia que assusta a maioria dos professores, diretores e coordenadores. Talvez porque seja uma metodologia onde todo o corpo docente e discente trabalha junto ou por falta de conhecimento e por não querer ter um pouco mais de trabalho na organização das tarefas.

Geralmente se trabalha a interdisciplinaridade só em projetos. Na verdade, nem se sabe muito bem a definição de interdisciplinaridade e multiculturalidade: Interdisciplinaridade indica a inter-relação entre mais disciplinas sem que nenhuma se sobressaia sobre as outras, mas que se estabeleça uma relação de reciprocidade e colaboração, com o desaparecimento de fronteiras entre as áreas do conhecimento. A multiculturalidade indica a existência de um trabalho entre muitas disciplinas, sem que estas percam suas características ou suas fronteiras.

"Para o educador que se interessa e pretende trabalhar nessa linha, as ferramentas para que um trabalho interdisciplinar seja bem sucedido requer, por parte do professor, espirito de equipe, aceitação de suas limitações diante de novos conhecimentos, atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que o leva à troca, ao diálogo com outras pessoas ou consigo mesmo, atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, estar aberto para desvendar novos saberes, atitude de desafio perante o novo, desafiar e redimensionar o velho, atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidos, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida." (BARBOSA, 2003, pág. 106).

Diante das afirmativas de Barbosa, torna-se difícil trabalhar a interdisciplinaridade porque nem todas as pessoas estão dispostas a se autoavaliar para que haja uma mudança em suas vidas. O perfil do professor que vai trabalhar com a interdisciplinaridade está longe de ser aquele em maioria nas escolas. Reconhecer as limitações à frente de novos conhecimentos, ter humildade para dizer que não sabe ou que não compreendeu como trabalhar um conteúdo que não seja o seu é uma atitude que não é muito encontrada entre os professores.

Tem-se observado uma grande falta de motivação por parte dos docentes e discentes, o que prevalece é uma pedagogia conteudista, uma centralização de poder por parte da direção, no sentido de não ouvir, na maioria das vezes, as sugestões dos professores.

"Perto da minha classe tinha uma mangueira, na casa do doutor Libâneo. Quando aquela mangueira estava florida eu dizia: Gente, primeiro vocês fechem os olhinhos. Todo mundo... olhem, sintam. O que vocês estão sentindo?" "Perfume".

"De onde? Abram os olhos e vão ver". Eram as flores. Daí você já aproveitava. Era uma gostosura. Ensinava as crianças a verem, a observar. Aí, eu falava para de noite eles olharem um jardinzinho, um vasinho, um bichinho, o ventinho passando entre as folhas... A gente ensinava a sensibilidade para eles. Eu não seguia norma, dava português e matemática. Às sextas e sábados para descansar, eu dava ciências, artes, ginástica. Dávamos tudo. Mas não dava história isolada de geografia. "Pro primário não dá" (ARCHANGELO, 2006, pág. 61).

O relato da professora Maria, professora que trabalhou até 1975, é emocionante. A forma como ela soube usar tão bem sua intuição, porque em Itapetininga, cidade de onde ela é talvez não se trabalhasse com interdisciplinaridade, mas ela trabalhava, além de despertar nos alunos a sensibilidade, o exercício do olhar, ver de olhos fechados. Segundo a professora Maria, para descansar ela dava ciências, artes e ginástica, mas artes ela já tinha ensinado, despertado seus alunos, pois arte não se ensina se desperta. O que se ensina em artes é a teoria e a técnica, já a sensibilidade precisa ser despertada, sentida como o perfume das flores da mangueira, olhada, como os vasinhos que ela sugeria que seus alunos observassem. Essa professora já trabalhava a interdisciplinaridade e hoje, com tantos recursos, tanto no campo do conhecimento como no da tecnologia, torna-se cada vez mais difícil trabalhar em conjunto.

Ensinar arte, filosofia, sociologia e outros componentes curriculares que exigem que o aluno pense, critique, formule um pensamento, tenha um censo crítico, é quase impossível, a mídia impõe uma cultura de gosto duvidoso. Os componentes curriculares citados acima são tidos como de elite, a arte é elite, essa ideia vem desde a colonização do Brasil. Pessoas de classe mais baixa não tinham acesso a uma boa cultura, assim como os negros. Sempre foram importados modelos europeus de pintura, música, moda, cores. Os quadros eram pintados com cores europeias, quando temos um clima tropical e consequentemente mais luz, o que resulta em cores mais fortes.

É possível falar de filosofia, arte e sociologia, desde o Ensino Fundamental, visto que a Educação Brasileira passa por um momento de transição, no qual a atitude filosófica que se deve buscar para melhorar o espaço de educação escolar. A atitude de estranhamento pode ser definida como uma abertura para lidar com a novidade, o desconhecido, o inesperado, o descontinuo do objeto que se quer conhecer, tendo sobre ele um olhar mais crítico e criativo, diferente do habitual.

Da atitude de não aceitar o que é dado, o que é imposto, o que é crença e o que é dogma, passivamente nasce a atitude filosófica de estranhamento que pode ser pensada como um dos fundamentos para a concepção de educação crítica e está se fortalece no saber dialogar com a diversidade. Acredita-se que estas novas atitudes contribuam para a formação de ser humano melhor.

O objetivo da interdisciplinaridade na arte é torná-la mais interessante para o aluno e para o professor, que na maioria das vezes, se sente desmotivado e relegado ao segundo plano, dependendo de como a escola vê o ensino das artes. A arte está articulada com todos os componentes curriculares, embora determinados componentes curriculares sejam mais fáceis de serem trabalhados, como História, Geografia e Língua Portuguesa. O uso de materiais concretos proporcionado por outras disciplinas ajuda ao aluno na compreensão e no interesse pelo ensino das artes visuais. Conforme BUORO, 2003, p. 16,

A interdisciplinaridade na arte desenvolve no aluno a percepção visual do mundo e da obra de arte, ampliando seu repertório visual e gráfico, contribuindo para a construção de um olhar crítico no exercício de sua cidadania.

A impressão que se tem é a de que se perguntassem aleatoriamente a opinião de pessoas sobre a arte dever ou não - e o porquê - ser disciplina obrigatória em todas as séries do ensino fundamental e médio, provavelmente teria muitos posições contrárias a esse ensino. A situação seria diferente se, em vez de arte, perguntássemos sobre outras áreas do conhecimento como Português, História ou Ciências. "Sei que não convivo sozinha com essa impressão: muitos alunos, artistas e professores da área e de áreas afins

confirmam essa ideia". (Tourinho, 2003, pág. 27). A afirmativa de Irene Tourinho é presenciada pelos professores de arte-educação todo início do ano letivo e mesmo durante todo o ano.

Muitos são os autores que se debruçam sobre o ensino da arte, mostrando em suas pesquisas a importância que a arte tem na formação do ser humano, contribuindo para seu desenvolvimento em qualquer área que ele venha atuar.

O ensino da arte é visto também como forma de recreação, de lazer e de divertimento, além de artifício para a ornamentação da escola. A arte ainda é vista como benefício oferecido para acalmar, resignar e descansar os alunos das disciplinas consideradas "sérias", importantes e difíceis.

A Filosofia e a Arte são exemplos de disciplinas com longa história de lutas, tanto pela conquista de espaço como pela manutenção, ampliação e tempo de espaço na escola.

A interdisciplinaridade é um dos caminhos para a valorização do ensino da arte.

Segundo BUENO (2003, pág. 23), "o trabalho das artes plásticas na escola é colocado em segundo plano pelos pais. Os pais sentem-se ansiosos com a alfabetização dos filhos e não sabem muito bem a finalidade das aulas de artes. Por esses motivos, o aluno em processo de alfabetização mostra menor interesse e capacidade de expressão espontânea por meio da arte".

As disciplinas citadas são exemplos perfeitos para um trabalho interdisciplinar ou multidisciplinar, mas os professores de outras disciplinas não têm interesse em trabalhar com arte, ou por ser uma atividade trabalhosa ou por falta de interesse, valorização e conhecimento. A interdisciplinaridade, na maioria das vezes, é trabalhada somente em projetos.

A ansiedade dos pais, seguida da desvalorização das aulas de arte, vão se estender por todo o ensino fundamental e ensino médio.

Muitos são os autores que se debruçam sobre o ensino da arte, mostrando em suas pesquisas a importância que a arte tem na formação do ser humano, contribuindo para seu desenvolvimento em qualquer área que ele venha atuar.

Cada um defende uma teoria que no final leva sempre para o mesmo caminho, mostrar que o ensino da arte é importante para o desenvolvimento do aluno.

Uma das maiores escritoras e incentivadora da valorização da arte nas escolas é Ana Mae Barbos. Além de outros profissionais de igual valor, ela defende a arte nas escolas, com seriedade e com boa preparação dos professores. Em seus livros mais antigos ela fala da diferença entre Brasil e Estados Unidos, e esta diferença continua ainda hoje: nos Estados Unidos, a política educacional preocupa-se com o qualitativo da educação, enquanto nós ainda enfrentamos o problema quantitativo. Nós precisamos não só de melhores escolas, mas de uma maior quantidade de escolas.

Apesar da obrigatoriedade da arte no currículo tenha sido determinado pela Lei nº 5.692, de 1971, ainda temos no Brasil escolas que não têm artes no currículo.

Professores de Escola Pública no DF recebem inúmeros alunos nesta situação.

Conforme Ostrower (1994, pág. 56), "a criação não é atributo só das artes, a criação está presente em todos os nossos atos. Assim como o próprio viver, o criar é um processo existencial".

Fayga, por sua vez, defende o estudo da composição dos desenhos e pinturas, e estuda os símbolos infantis, concluindo que a criatividade é intuitiva.

A afirmação "A criação é um processo existencial" é a conclusão de Fayga no livro Universos da Arte, resultado de uma oficina dada por ela em uma gráfica. A princípio ela falou superficialmente sobre alguns artistas e mostrou como era feita a composição de cada quadro pelo artista. E, para sua surpresa, os operários começaram a se interessar pelo assunto e descobriram que também podiam criar. O processo de criação é doloroso, cheio de dúvidas e, nesses momentos, os processos existenciais aparecem.

Ao final, todos os estudiosos da Educação Artística defendem maior respeito e valorização no ensino, boa formação do professor e que este saiba como tratar o princípio do ensino da arte para crianças, e não o transformar, futuramente, em um mero reprodutor de obras de arte.

Educação e instrução nascem com o surgimento do Homem. Ao longo da História educação e instrução foram se moldando aos períodos históricos e aos interesses destes.

Dar uma definição para os fins educativos é também definir a sociedade, a cultura e o Homem que se quer promover. Educar é, na verdade, cultivar a criança para dela fazer um cidadão. Toda imagem do Homem é uma imagem social. Determinar fins para a educação é escolher um tipo de cidadão, de cidadão social, portanto de uma sociedade. Elaborando fins educativos, faz-se a opção der um modelo, ao mesmo tempo de cidadão e de sociedade.

Como o homem não possui um aparelhamento instintivo, como os outros animais, precisa ser socializado para sobreviver. Quer dizer que precisa ser educado pelas pessoas que o rodeiam, a partir dos modelos sociais

daquele grupo, naquele momento histórico.

A educação passou por várias fases até os dias atuais, iniciando pela educação informal até chegar à educação formal, surgindo então a escola.

As várias instâncias da sociedade exercem uma função de educação: a família, a religião, o trabalho, o laser e os meios de comunicação. As ações desenvolvidas por esses grupos são informais, visto que não obedecem a regras explícitas nem são submetidas a rígido controle externo.

A escola desenvolve a educação formal porque surge com a exigência da formação de um grupo instituído especialmente para exercer determinadas atividades. Inclusive especialistas elaboram projetos de ação mais efetiva no âmbito escolar. Na escola a educação é estruturada ou controlada.

A escola institucionalizada, semelhante à que temos hoje, é uma criação da burguesia do século XVI. A Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, altera, em alguns aspectos, a escola burguesa: além da formação acadêmica predominantemente humanística, contrapõe a necessidade de formação técnica especializada, além do estudo das ciências, o que contribui para o processo de secularização e democratização do ensino.

No século XX, as reivindicações são por uma escola pública, leiga, gratuita e obrigatória, em que possam ter acesso as camadas menos privilegiadas da sociedade.

Nos séculos XIX e XX, ocorreram três grandes revoluções em teoria educacional. Seus representantes são o alemão Herbart, o americano Dewey e o brasileiro Paulo Freire. Herbart alinha-se com Dewey na valorização da democracia. Dewey é favorável à diversidade e à liberdade. Paulo Freire luta por uma educação em favor do oprimido, para ele os grupos oprimidos devem ganhar espaço na sociedade, à medida que puderem colocar seus vocabulários alternativos e seus jogos de linguagem como elementos também importados para a sociedade.

Concordando com Paulo Freire, a luta pelos grupos oprimidos e menos valorizados deve ser constante, no sentido de uma preparação por parte do professor e da escola, no que se refere ao vocabulário do aluno. Uma das causas da evasão escolar, embora não esteja documentada, é a desvalorização do aluno por parte do professor e dos próprios alunos. Um aluno que vem da zona rural é discriminado pelo linguajar, pelo vestuário e esse é apenas uma das causas. Existe ainda a desvalorização com relação à cor, classe social, higiene, sexualidade, tipo físico etc. Nesse aspecto pode-se dizer que a escola é excludente.

Quanto à instrução, Gomez (1988) ajuda a reforçar a distinção entre instrução e educação, quando afirma que "a instrução trata de um processo para além da transmissão e da troca de um processo para além da transmissão e da troca de conhecimentos evidenciados nas interações que correm no ambiente escolar". Afirma que "conteúdos abordados oficialmente nos currículos, normalmente, são destinados às avaliações escolares e direcionadas à identificação de indicadores de desempenho dos alunos, que podem rapidamente esquecidos".

Embora determinada oficialmente, a escola pode contribuir para que o aluno construa sua autonomia como aprendiz e que aprenda o sentido da participação, do respeito à diferença, da solidariedade, das normas e valores de interação social etc., os quais ultrapassam os muros da escola e são vivenciados ao longo da vida.

Instruir, para a escola, passa a ser um bombardeio de saberes diversos. Os professores, pais e escola estão preocupados com que o aluno aprendeu (decorou). A competitividade começa em casa: boas notas, presentes e viagens fazem parte do contexto escolar do aluno. O aluno não aprende porque quer crescer como ser humano, o aprender tornou-se uma moeda de troca. Os professores, por sua vez, repetem as mesmas aulas durante anos. As várias pedagogias adotadas na maioria das vezes não funcionam e nem saem do papel, no final, resta mesmo a pedagogia tecnicista.

Os alunos hoje não estão preparados para pensar. Galileu disse o seguinte: "Não podes ensinar nada a um homem; podes apenas ajudá-lo a encontrar a resposta dentro dele mesma".

O paradigma escolar mudou. O ensino massificou-se, despersonalizou-se, tornou-se mais confuso e menos pessoal, e dá hoje menos espaço ao indivíduo e ao acompanhamento pessoal do aluno.

Hoje, há muitas fontes de conhecimento, a História nunca viveu um momento com tantos suportes à informação. Mas instrução é muito mais do que acumulação de conhecimento, é o aprender a aprender, aprender a pensar, é treinar o olhar, é ser sensível, é raciocinar sobre a vida, as pessoas e as coisas que os rodeiam.

Desde o nascimento, o homem é submetido a um processo intensivo de aprendizagem que termina somente com sua morte.

3. CONCLUSÃO

Antes da criatividade, é de suma importância saber que tipo de professor está à frente do ensino da arte, assim como em outros componentes curriculares. Os professores se afinam com determinadas linhas pedagógicas e é importante saber como a arte vem sendo ensinada, suas relações com a

educação escolar e com o processo histórico.

A formulação de uma proposta para trabalhar a arte nas escolas exige que se saibam quais os posicionamentos sobre arte e educação escolar estão sendo assumidos por parte da escola e das Secretarias de Educação. Esses posicionamentos implicam também na seleção de linhas teórico metodológicas.

Uma das grandes dificuldades no ensino das artes é torná-la atraente para o aluno, justamente pelo que enumeram Ferraz e Fusari. Os professores não sabem muito bem o que desenvolver em sala de aula, pois o Estado não dá quase, ou nenhuma, importância ao ensino das artes nas escolas, por isso, torna-se difícil proporcionar interesse aos alunos. São salas com número excessivo de alunos, desigualdade de faixa etária, falta de material e sala apropriada, com pia, mesa cavalete, armários para que os alunos não tenham que trazer o material pessoal de casa. Mas não é só essa falta de estrutura que faz as aulas de arte não despertarem desejo de aprender por parte dos alunos.

Conforme foi dito por Ferraz e Fusari é difícil saber o que fazer. Ensinar técnica de desenho e pintura para um aluno que não teve essa habilidade desenvolvida? Assim como a aula ser somente um lazer, a tendência é tornar-se uma bagunça porque também esse aluno não compreende que na aula de arte ele pode trabalhar mais solto, isto é, conversar com seu colega sobre o trabalho dado, dividir o material, trabalhar sozinho, portanto, essa liberdade que o aluno tem é entendida como uma aula onde tudo é permitido, além da falta de compreensão por falta de alguns colegas professores.

O processo intuitivo pode ser entendido como o laissez faire, mesmo sabendo que o processo criativo é intuitivo. A liberação de impulsos reprimidos é voltada para a arteterapia, aliás, nos anos 30, a psiquiatra Nise da Silveira iniciou um belo trabalho de arte com os doentes mentais da Colônia Juliano Moreira. Sua luta contra os eletrochoques e as cirurgias de lobotomia, foi combatida com desenhos, pinturas, esculturas e a colaboração de artistas plásticos da época. O resultado de todo esse trabalho foi o Museu do Inconsciente e, ao longo dos tempos, um olhar mais humano para essas pessoas que vivem à margem da sociedade.

Depois de todas estas alternativas, o que falta por parte dos professores é saber desenvolver a criatividade em suas aulas. É difícil, mas é possível.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Soriano de. FLEITH, Denise de Souza. Criatividade: Múltiplas perspectivas. Editora UnB, 3ª edição.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia da Educação. São Paulo. Moderna. 1989.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação. São Paulo: Moderna, 1989.

ARCHANGELO, Ana. O amor e o ódio na vida do professor (passado e presente na busca de elos perdidos). Cortez Editora, 2006.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna, do iluminismo aos movimentos contemporâneos. Editora Schwarcz, 1988.

BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no ensino da arte. Cortez Editora, 2ª edição, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. John Dewey e o ensino da arte no Brasil. São Paulo, Editora Cortez. 5ª edição. 2002.

BARBOSA, Ana Mae. Teoria e Prática da Educação Artística. São Paulo, Editora

Cultrix. 1992.

BUORO, Anamélia Bueno. O olhar em Construção. Câmara Brasiliense do Livro. São Paulo, Editora Cortez, 2003.

CARVALHO, Eliane Maria Cherulli. A construção do conhecimento da educação e as Teorias de Aprendizagem. Editora Guanabara. Brasília, 2010.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T., e FUSARI, Maria F. de Rezende e. Arte na Educação Escolar, Cortez Editora, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.

HADJINICOLAOU, Nicos. História da Arte e Movimentos Sociais. Edições 70, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: A pedagogia críticosocial dos conteúdos. São Paulo. Edições Loyola. 1994

OSTROWER, Fayga. A Criatividade e os processos de criação. São Paulo, Editora Vozes, 1994.

PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência na criança. Editora Guanabara, 4ª edição, 1987.

PORCHER, Louis. Educação Artística: luxo ou necessidade? Summus Editorial, 4ª edição, 1982.

TOURINHO, Irene. Capítulo 2 – Transformações no ensino da arte: Algumas questões para uma reflexão conjunta: Inquietações e mudanças no ensino da arte. 2ª edição. São Paulo, Editora Cortez, 2003.

VIGOSTSKI, L. S. A formação social da mente. Editora Martins Fontes, 6ª tiragem, 2011.